

CINEMA

Calor da Bahia

P. E. SALES GOMES

O primeiro festival de cinema brasileiro na Bahia foi improvisado. Nasceu ao acaso do encontro de responsáveis pelo turismo em Salvador com os donos do jornal "A Tarde". Os primeiros estavam convencidos de que a atividade cinematográfica na Bahia se colocava em pé de igualdade como atração turística ao lado dos espetáculos populares, do barroco ou da Petrobrás. Os homens de imprensa andavam à procura de uma promoção para coroar as comemorações do cinquentenário de seu jornal. O comércio e a produção cinematográfica local puseram-se à disposição dos organizadores, o festival ficou acertado e acabou-se realizando bastante a contento. Nunca porém um empreendimento nacional foi tão pouco difundido através da Nação. A pasta de recortes do festival é certamente paupérrima. Para os meios cinematográficos e jornalísticos do Sul, particularmente de São Paulo, o festival da Bahia era boato com verificação impossível malgrado os esforços. Nas vésperas do encerramento uma coluna jornalística em geral bem informada anunciava que se cogitava da realização de um festival cinematográfico brasileiro em Salvador. Se tivesse dependido de experiência e preparo o malogro teria sido total. Se acabou dando certo é porque foi realizado na Bahia.

Todo nascimento tem algo de improvisado e o aparecimento do festival da Bahia possui muitas semelhanças com a eclosão do próprio cinema baiano. Tudo começa com encontros ocasionais na aparência. É a conversa de esquina de um agente imobiliário que gosta de escrever histórias com um crítico não-conformista, são os dois que partem à procura de um jovem apaixonado há muito tempo pelos problemas técnicos do cinema e assim por diante. Mas a presença maior entre um fato e o outro está no espírito com que agem os promotores de filme ou de festival. O que os caracteriza é a impaciência, a pressa, é a deliberação de fazer, talvez mal e errado, mas já. Se os resultados são melhores do que seria de se esperar isso se deve ao fato de a improvisação agir em terreno já bastante trabalhado. Para nós do Sul a data oficial do nascimento do cinema baiano é "A Grande Feira". Com seus defeitos de importância muito grande e suas qualidades talvez ainda mais importantes, essa primeira fita surgida da associação Rex Schindler-Roberto Pires nos comunicava o sentimento errôneo de criação espontânea sem nada que anteriormente a justificasse e determinasse. Na realidade muita coisa precisou acontecer para tornar "A Grande Feira" possível. Antes de Schindler, Braga Neto já produzia e Robatto Filho realizara com mais anterioridade seus documentários marítimos que indicaram uma das direções do cinema baiano e foram ultimamente solicitados ao Brasil pelos organizadores da mostra etnográfica de Florença. Roberto Pires não estreou em "A Grande Feira" pois além das habituais experiências em 16 mm ele já havia dirigido uma fita dramática de longa metragem. O movimento cultural de Walter da Silveira e seu "Clube de Cinema" à frente atuava há mais de uma década e suscitara críticos novos como Glauber Rocha e Orlando Senna. Quando "A Grande Feira" ficou pronta, Glauber já estava há muitos meses envolvido na experiência exaltante e frustradora de "Barravento". Trigueirinho Neto já filmara em Salvador sua "Bahia de Todos os Santos", fita malograda mas que teve papel histórico no desencadear dos acontecimentos cinematográficos da Bahia. O teatro da Universidade, animado por Martin Gonçalves, preparara atores excelentes como Antonio Sampaio e Jurema Penna. E havia um ator extraordinário, milagrosamente modelado pelo rádio e televisão, Roberto Ferreira. Sem tudo isso e muito mais que não ficou dito, "A Grande Feira" não teria existido. A fita entretanto permanece com direito ao título de marco inicial da indústria cinematográfica na Bahia. Em primeiro lugar porque seu custo de produção foi calculado em função do mercado que poderia razoavelmente atingir e em segundo devido à acolhida calorosa, triunfal mesmo, que lhe reservou o público baiano.

No que toca ao festival o ambiente não poderia ser mais favorável ao empreendimento, mesmo improvisado. Reina na Bahia uma euforia, uma ebulição cinematográfica de que não temos muita idéia aqui no Sul. Tal produtor, com três fitas prontas mas ainda não distribuídas e exibidas de maneira satisfatória, o que significa um pesado empate de capital, ao mesmo tempo que vende o automóvel para obter algum dinheiro líquido lança-se com tranquilidade e fervor em sua quarta produção. Um outro, cuja primeira produção está ameaçando ultrapassar com margem perigosa as estimativas de custo, divide suas preocupações entre a fita inacabada e um novo projeto já em andamento. O que explica e justifica essa situação singular é o aspecto contagiante que assumiu o fenômeno cinematográfico baiano. Homens de negócios da indústria, do comércio e dos bancos se aproximam gradativamente da atividade cinematográfica e hoje em Salvador não é difícil vender quotas de uma produção. Mas é preciso atentar mais de perto para as figuras dos produtores baianos se quisermos compreender a fisionomia particular do que lá ocorre. Em qualquer parte do mundo o produtor assume com frequência papel criador na elaboração dos filmes. Essa ação está porém vinculada ao papel centralizador que desempenha, às possibilidades de interferência durante todas as fases de realização do filme. É raro que um produtor esteja particularmente interessado num terreno definido da cinemato-

grafia e no entanto esta parece ser a regra na Bahia. Lá as atividades habituais dos produtores são inseparáveis do empenho, quase paixão, com que escrevem argumentos, realizam curtas-metragens experimentais e artísticas, e ainda interpretam papéis com seriedade e cuidado de ator profissional. Essa atividade diversificada dá ao produtor baiano características dificilmente encontráveis nos congêneres de qualquer outra parte e a ela atribuo o calor com que se faz cinema na Bahia.

Esses produtores, artistas ou atores são maníacos de cinema, não perdem um filme apresentado nas salas de Salvador, convivem intimamente com os críticos, participam calorosamente das sempre renovadas disputas acerca da atualidade cinematográfica mundial, e por esses vários traços se distanciam ainda mais dos colegas de profissão de outros Estados ou países. Tudo isso confere ao cinema baiano certa liberdade um pouco amadorística que me parece muito estimulante na fase atual de desenvolvimento. O cinema da Bahia está tateando à procura das múltiplas feições que poderá adquirir. Nesse processo várias etapas psicológicas estão sendo facilmente vencidas. O regionalismo desconfiado não tem mais vez e toda gente está convencida de que o cinema baiano será nacional ou ficará condenado a um rápido deperecimento. Os produtores, diretores, artistas e técnicos do Sul que procuram a Bahia para filmar — e eles são cada vez mais numerosos — não são olhados de soslaio por ninguém, muito pelo contrário, são acolhidos como companheiros do mesmo combate. Os próprios estrangeiros não são mal vistos, mas a inexistência de uma legislação específica a respeito da atividade de firmas de outros países ou das co-produções convida à circunspeção. O exílio internacional de "O Pagador de Promessas" contribuiu muito para generalizar a posição de abertura defendida há muito pelos elementos mais dinâmicos da corporação capitaneados por Glauber Rocha, que sempre desejou inserir os acontecimentos cinematográficos locais numa corrente nacional mais ampla para a qual criou a epígrafe Cinema Novo que tão facilmente conquistaria a popularidade. Depois do triunfo de Anselmo Duarte em Cannes as autoridades públicas da Bahia formularam uma política cinematográfica sumária mas significativa. Ela consiste simplesmente em convidar toda a gente a ir fazer cinema na Bahia, o que é desnecessário e pouco. Os acontecimentos cinematográficos baianos estão-se processando rapidamente e os políticos e administradores da terra não estão sabendo por enquanto acompanhar-lhes o ritmo. Eles participam da situação contraditória que é válida para a vida pública brasileira tomada globalmente, e de governos que em cada assunto determinado são ou pioneiros ou retrogrados, manifestando curiosa incapacidade na maioria das coisas públicas de assumir posições vivas e equilibradas de acordo com o soprar dos tempos. Nossos governos mostram-se capazes de construir Brasília mas ao mesmo tempo assumem, suportam e impõem à Nação o serviço ignominioso de nossos correios e telégrafos. Promovem a indústria automobilística da noite para o dia mas demonstram uma inconcebível timidez para tomar medidas simples e rotineiras capazes de assegurar o florescimento da indústria cinematográfica brasileira. Os homens públicos da Bahia tomam paulatinamente conhecimento do cinema brasileiro depois de o assunto já ter abrasado a imaginação da comunidade local em todos seus níveis, desde as elites culturais e econômicas até a massa imensa, vibrante e colorida dos espectadores. Os responsáveis pela administração ainda se encontram na fase vaga de enxergar o cinema feito na Bahia como um propulsor do turismo, mas já têm diante dos olhos o campo de trabalho e vitalização econômica que oferece essa nova atividade industrial e não é possível que se abstenham de tirar em tempo todas as consequências úteis do fenômeno. Basta sugerir a mais imediata e simples. Encontra-se já há anos imobilizada na Câmara dos Vereadores um projeto de lei do adicional semelhante ao que já se encontra concretizado e em execução em São Paulo e na Guanabara. A apresentação desse projeto foi obra de Walter da Silveira e não mereceu na ocasião o interesse dos vereadores ou do próprio Executivo municipal. Walter da Silveira chegou até a deixar seus afazeres de lado e candidatar-se a vereador para ver se, de dentro, conseguia levar avante a idéia. Naturalmente não foi eleito e a situação continuou na mesma. Mas hoje à luz de tudo que se passa seria incompreensível que os vereadores de Salvador não percebam o que significa para o cinema baiano a existência da lei do adicional na Bahia. O benefício que o cinema carioca ou paulista tiraria dela seria uma migalha já que o mercado da capital da Bahia é relativamente modesto. Mas, através do jogo da reciprocidade que essas leis prevêm, os filmes baianos aufeririam em São Paulo e no Rio uma bonificação, que devido aos seus preços baixos de produção e a importância desses mercados, poderia ter papel decisivo na economia cinematográfica da Bahia.

Apesar de os poderes públicos baianos estarem ainda muito afastados do problema, com a única exceção do departamento municipal que cuida de turismo, Salvador é a sede ideal para manifestações anuais, e oficiais, consagradas ao cinema brasileiro. Muitos motivos decorrem da exposição feita através desta crônica. Mas existem muitas outras que merecem ser examinadas com vagar.